

Cura para um continente enfermo: unidade latino-americana e a fraternidade ibero/latina nos escritos de César Zumeta

Cure for a sick continent: Latin American unity and the Latin-Iberian brotherhood in the writings of César Zumeta

Regiane Gouveia¹

FIOCRUZ-Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO

Este artigo analisa, a partir das obras *El continente enfermo* (1899) e *Las potencias y la intervención en Hispanoamérica* (1963), do venezuelano César Zumeta (1860-1955), como este intelectual percebeu os perigos que cercavam a América Latina em fins do século XIX e início do XX. Em um contexto de modernização e consolidação dos Estados Nacionais, ameaças de potências imperialistas, conflitos internos das repúblicas latino-americanas, e emergência do vocabulário médico na arena pública, César Zumeta se preocupou em denunciar o que considerava como enfermidades do continente e propor a cura para o que identificava. Dentre as soluções encontradas pelo escritor venezuelano estavam a unidade dos países latino-americanos e a fraternidade ibero/latina, que a seu ver, poderiam curar as enfermidades que atingiam a América Latina. Destaca-se o contexto de produção e a trajetória de César Zumeta para auxiliar na compreensão de seus escritos.

Palavras-chave: América Latina; César Zumeta; unidade latino-americana; fraternidade ibero/latina.

ABSTRACT

This article analyzes two principle works of the Venezuelan writer César Zumeta (1860-1955), *El continente enfermo* and *Las potencias y la intervención en Hispanoamérica* to understand how this intellectual understood the dangers that surrounded Latin America during the end of the nineteenth century and the beginning of the twentieth century. Within the context of the modernization and consolidation of national states, threats from imperialist powers, internal conflicts in Latin American republics, and the emergence of a medical vocabulary in the public arena, César Zumeta became concerned with denouncing what he considered as “continental diseases” and to propose the cure for what he identified as “sick”. Among the solutions the Venezuelan writer found were the unity of Latin American countries and a Latin-Iberian brotherhood, that, in his view, could cure the diseases that struck Latin America. This article highlights the context of César Zumeta’s production and trajectory to help comprehend his writings.

Palabras Clave: Latin America; César Zumeta; Latin American unity; Latin-Iberian brotherhood

¹ Doutora em História das Ciências e da Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), Rio de Janeiro, Brasil. Mestre em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Mail: regigouveia@gmail.com

O escritor venezuelano César Zumeta (1860–1955) foi um intelectual de grande projeção em sua época, ocupou importantes cargos políticos e de representação diplomática. Teve ampla e profícua vida intelectual, escrevendo, por cerca de 25 anos, para variados jornais na América e na Europa, tratando de temas políticos, sociais, econômicos e culturais latino-americanos. Fundou muitos jornais, como *El Anunciador* (1883) e *El Pueblo* (1890), em Caracas; *América* (1900), em Paris, e *La Semana* (1906–1908), em Nova York. Trabalhou ainda na redação de conhecidos jornais da época, colaborando com o *Unión Ibero-americana* (1900), de Madri; *El Americano* de (1904) e *La Prensa* (1916), de Nova York; *El Mundo* (1908), de La Habana; e *El Litoral Atlantico* (1908), de São Salvador (ZUMETA, 1961: 10).

Em um contexto de modernização da América Latina, imperialismo europeu e norte-americano, César Zumeta preocupou-se em denunciar os perigos que cercavam o continente e que poderiam levar a perdas territoriais, de independência e soberania, além da perda da tradição cultural latina. Frente a tais perigos, esse autor buscou propor soluções para os problemas que identificava, embora, muitas vezes, percebesse com pessimismo as possibilidades futuras do continente, caracterizado como enfermo. Ao fazer isso, Zumeta contribuiu para o fortalecimento de correntes de pensamento latino-americano que buscavam resistir à influência política, econômica e moral, norte-americana e europeia.

César Zumeta publicou o folheto *El continente enfermo*, em Nova York, em 1899, ele não publicou nenhuma obra em vida. Alguns anos depois de sua morte, Rafael Angel Insausti² compilou vários artigos de Zumeta, publicados em diversos países ao longo de mais de trinta anos. Em 1961, sob a “Colección Rescate” foi lançada em Caracas a obra *El continente enfermo*³, que reunia artigos publicados entre 1886 e 1932. Em 1963, por ocasião do centenário de nascimento de César Zumeta, foi lançada a obra *Las potencias y la intervención en Hispanoamérica* organizada também por Rafael Angel Insausti, publicada sob os auspícios da presidência da república, na coleção “Venezuela Peregrina” e reunia artigos publicados entre as décadas de 1880 e 1910.

Antes de analisar os escritos de Zumeta é importante apresentar uma breve contextualização histórica da América Latina, detendo-se, principalmente, no caso da Venezuela de fins do século XIX e início do

2 Rafael Angel Insausti (1914–1978) foi um escritor, poeta, crítico literário e diplomata venezuelano.

3 É esta obra que utilizo neste estudo.

XX, que servirá de marco para a apresentação dos discursos do autor. Episódios como a perda territorial da Guaiana Essequiba, para a Inglaterra (1899), o bloqueio das costas venezuelanas, por potências europeias (1902), a instabilidade política da Venezuela de fins de século XIX e início do XX, a guerra hispano-americana (1898) e a separação do Panamá, da Colômbia (1903), marcaram a produção de Zumeta. Rever o contexto de produção do escritor venezuelano, bem como a sua trajetória, pode auxiliar na compreensão dos seus discursos.

A Venezuela na virada do século XX e a trajetória de César Zumeta

As jovens repúblicas hispano-americanas, na primeira metade do século XIX, após as lutas pela independência, possuíam uma difícil tarefa a cumprir: a consolidação de Estados Nacionais sobre os escombros do Império Espanhol. Os anos de guerras haviam trazido duras consequências, levando grande parte das nascentes repúblicas a mergulharem em um longo período de guerras civis, que se estenderiam até fins do século XIX e início do XX (PRADO, 2004: 69).

A Venezuela foi uma dessas nações que passou por muitos conflitos internos, cujas lutas caudilhistas geraram instabilidade política e econômica. Alguns dos caudilhos conseguiram permanecer anos no poder, como Antónío Guzmán Blanco⁴, que governou a Venezuela por três vezes, permanecendo no cenário político venezuelano por quase vinte anos, como presidente ou ministro plenipotenciário na Europa. Guzmán Blanco se retirou da vida política em 1890, quando se tornaram públicos os contratos feitos por ele para fomento próprio, e que inclusive levou à perda territorial da Guaiana Essequiba para a Inglaterra em 1899.

Guzmán Blanco, em seu segundo governo (1879-1884), buscou a modernização do país, através da criação do sistema de linhas telegráficas e da construção de ferrovias. Para tanto, necessitou a aliança com empresas inglesas e alemãs, que financiaram o empreendimento. Em troca, tais empresas teriam garantidos, pelo governo venezuelano, uma porcentagem dos seus investimentos. Contudo, os serviços não foram capazes de cobrir a inversão das empresas concessionárias, fazendo com que a República tivesse que assumir o empreendimento e se en-

4 Antónío Guzmán Blanco assumiu o poder na Venezuela em 1870, através da chamada Revolução de Abril, que destituiu do poder o general José Ruperto Monagas (1831-1880), permaneceu até 1877. Seu segundo governo foi entre 1879 a 1884 e, por fim, entre os anos de 1886 a 1888. Sobre Guzmán Blanco ver: ALCANTARA, Tomas Polanco. Guzmán Blanco. Caracas: Ediciones GE, 2002.

dividir (LUCCA, 2013: 94). Os governos que se seguiram a Guzmán Blanco, tiveram que contrair grandes empréstimos, como o de 1896, com o *Disconto Gesellschaft*⁵ de Berlim, no governo de Joaquín Crespo (1841-1898)⁶, o que levaria a conflitos no início do século XX.

A Venezuela também passou por conflitos externos em decorrência de disputas fronteiriças com a Inglaterra, nas últimas décadas do século XIX⁷. Em 1896, quando soldados ingleses, pretendendo estender os limites de seu território até o rio Yuruari, foram aprisionados pelos soldados venezuelanos, a Inglaterra interveio, reclamando ante o governo da Venezuela, que se recusou a atendê-la. Tal fato levou a iminência de um conflito entre os dois países, sendo mediado pelo então presidente dos Estados Unidos, Grover Cleveland (1837-1908), que invocou a Doutrina Monroe.

Em 1897, foi imposta à Venezuela uma arbitragem internacional, que contava com dois árbitros norte-americanos, dois ingleses e um russo, sendo negado ao país reclamante o direito de nomear seus próprios árbitros. Resultado disso, foi o despojo de 159.500 quilômetros quadrados do território venezuelano, cuja pendência só foi resolvida em 1966, em Genebra, quando a Grã Bretanha e a futura República Cooperativa da Guiana reconheceram o reclamo da Venezuela (LUCCA, 2013: 108).

36

É nesse contexto de instabilidade política e consolidação do Estado Nacional que nasceu César Zumeta, em 1860, em San Felipe, município de Yaracuy. De procedência humilde, Zumeta foi adotado por uma família com posses, que lhe proporcionou uma educação aprimorada. Desde cedo, aprendeu latim e alemão, frequentou o Colegio Santa María, tendo como professores proeminentes intelectuais venezuelanos como Augustín Avelado, Luís Sanojo, M. M. Urbanja e Elías Rodríguez.

Zumeta começou a cursar a Faculdade de Direito na Universidad Central de Venezuela, porém não conseguiu concluir em decorrência do desterro sofrido, em 1883, na Colômbia, quando se iniciou no jornalismo de oposição ao governo de Guzmán Blanco, fundando o *El Anunciador* (CAPPELLETTI, 1994: 307). No ano seguinte, Zume-

5 Organização bancária alemã fundada em 1851, com sede em Berlim.

6 Joaquín Crespo governou a Venezuela por duas vezes, entre 1884-1886 e 1892-1898.

7 Em 1887 a Venezuela e a Inglaterra já haviam rompido relações por causa da Guaiana.

ta regressou à Venezuela, governada por Joaquín Crespo, sucessor de Guzmán Blanco. Novamente foi preso e, em seguida mandado, para os Estados Unidos, onde entrou em contato com muitos intelectuais hispano-americanos que também se encontravam desterrados de seus países, como o cubano José Martí (1853–1895) e o venezuelano Pérez Bonalde (1846–1892). Em Nova York, passou a integrar a redação do *La América* (1884–1889), permanecendo até 1890, quando foi eleito um novo presidente na Venezuela, Raimundo Andueza Palacio (1846–1900), que não ascendia sob a vontade de Guzmán Blanco, como vinha ocorrendo desde 1870.

Zumeta foi convidado por Aduenza Palacio, seu amigo, a retornar à Venezuela, onde assumiu a direção do periódico *El Pueblo*; e no ano seguinte, foi designado diretor do jornal *El Universal*, além de ter sido cofundador e colaborador da *Revista Universal Ilustrada*. Entretanto, devido à prisão de quatro jornalistas estrangeiros, Zumeta se opôs ao que denominou de violação da liberdade de imprensa, e a despeito de que na próxima eleição, seria candidato ao Congresso, ele abandonou o país, junto com os jornalistas que estavam sendo expulsos (CAPPELLETTI, 1994: 307).

- 37 Retornou à Venezuela posteriormente, porém, quando, em 1892, o general Joaquín Crespo voltou ao poder através da Revolución Legalista, Zumeta teve mais uma vez que abandonar seu país. Entre os anos de 1894 e 1895, ele permaneceu na Venezuela participando da fundação da Revista *Cosmópolis*, mas logo voltou para os Estados Unidos. Em 1901, retornou ao seu país e foi nomeado senador no governo do General Cipriano Castro (1858–1924).

Em 1902, a queda no preço do café e outros problemas, derivados das lutas que os governos que assumiam tinham que empreender para se manterem no poder, impediu a Venezuela de cumprir com o pagamento de suas dívidas, principalmente com o *Disconto Gesellchaft*, de Berlim. Essa situação fez com que a Inglaterra e a Alemanha, alarmadas com a possibilidade de insolvência econômica para qual a Venezuela parecia caminhar, bloqueassem, em 9 de dezembro de 1902, o porto de La Guaira; quatro dias depois, bombardeassem Puerto Cabello, se instalando em frente a fortaleza de San Carlos; logo, afundaram a embarcação Crête-à-Pierrot, na desembocadura do rio Orinoco. (LUC-CA, 2013: 116).

Novamente a Doutrina Monroe foi invocada pelo governo dos Estados Unidos. Theodore Roosevelt, então presidente, a princípio

permitiu o bloqueio imposto pelas potências europeias, mas com o acirramento da situação, em 1903, interviu no conflito. Em fevereiro de 1903, foi firmado o Protocolo de Washington, autorizado pelo governo venezuelano, no qual ficava estabelecido que a Venezuela se comprometia em ceder ao governo britânico, a partir do mês de março daquele ano, 30% em pagamentos mensais das rendas aduaneiras de La Guaira e Puerto Cabello. Após assinatura deste documento, as armadas europeias abandonaram a costa venezuelana, cessando o bloqueio (LUCCA, 2013: 117). Zumeta, nessa ocasião, colaborou com o governo do presidente Cipriano Castro, sendo nomeado cônsul-geral na Inglaterra e encarregado de mudar a imagem da Venezuela na Europa.

O bloqueio e as agressões à Venezuela tiveram repercussão internacional, resultando na criação da chamada Doutrina Drago. Tal doutrina foi elaborada pelo jurista e ministro das Relações Exteriores da Argentina, Luis María Drago (1859-1921), que, em 1903, se opôs ao uso das Forças Armadas de um país contra outro, no intuito de cobrar o pagamento de dívidas. A Doutrina Drago, que foi aprovada apenas em 1907, na Segunda Conferencia de Haia, se baseava no argumento de que os credores, independentemente do país de que procedessem, não poderiam reclamar através da luta armada dos seus governos contra os devedores por motivo da cessação do pagamento dos juros, pois, na taxa de juros estabelecida e nas negociações realizadas já se presumiam e estavam subentendidos os riscos da transação (BAGGIO, 1999: 76).

38

César Zumeta regressou à Venezuela em 1908, quando Juan Vicente Gómez (1857-1935), presidente vitalício, assumiu o poder⁸. Durante esse regime, que durou quase três décadas, o escritor participou mais diretamente da vida política de seu país, representando Gómez, em 1910, na comemoração do centenário da independência da Argentina. No ano seguinte, dirigiu e organizou a celebração do Congresso de Municipalidades. Em 1913, foi diretor de Política do Ministério das Relaciones Interiores e, em 1914, se tornou titular do despacho executivo. Entre 1915 e 1932, desempenhou funções diplomáticas representando a Venezuela na Sociedade das Nações, foi ministro plenipotenciário na Itália e na França e presidente da Assembleia das Nações

8 Juan Vicente Gómez, em seu governo, contou com a colaboração de renomados intelectuais da época, além de Zumeta, contou com Laureano Vallenilla Lanz, Francisco González Guinán, José Gil Fortoul, Pedro Emilio Coll, Manuel Díaz Rodríguez, Pedro Manuel Arcaya, Eloy G. González e Caracciolo Parra Pérez. Ver: PINO ITURRIETA, Elías. Positivismo y gomecismo. Caracas: Instituto de Estudios Hispanoamericanos, 1978.

(1930).

Em 1932, César Zumeta retornou à Venezuela, passando a ocupar a presidência do Congresso Nacional. A partir desse período, ele começou a justificar, em seus artigos e discursos, a permanência de Vicente Gómez no poder, declarando as “excelências” de seu governo. Zumeta, acatando o ideal de “ordem e progresso”, bandeira levantada pela ditadura gomencista, faz com que o nacionalismo e o anti-imperialismo, defendido vigorosamente, durante mais de duas décadas em seus escritos, fique encoberto. Vale ressaltar que foi no regime de Vicente Gómez que as empresas estrangeiras, principalmente dos Estados Unidos, ganharam o monopólio na exploração de recursos importantes da Venezuela, como o petróleo (MILIANI, 1981: 82).

Em 1935, o ditador Gómez faleceu, Zumeta viveria muitos anos, ainda, depois disso, vindo a falecer, em Paris, em 1955, aos 95 anos. O apoio de César Zumeta dado à ditadura de Juan Vicente Gómez e sua participação direta nesse regime, talvez explique o ostracismo ao qual o escritor venezuelano foi relegado, a partir dos anos de 1935⁹. Estudiosos desse período, como o filósofo argentino Angel Cappelletti, na obra *Positivismo e evolucionismo en Venezuela* (1994), apontaram Zumeta como sendo um dos grandes expoentes do positivismo venezuelano no início do século XX. Esse filósofo questiona o porquê da doutrina filosófica positivista, em outros países na América Latina, e, inclusive, na Venezuela, em outra época, ter se vinculado ao liberalismo, lutando por superar antigas formas de opressão política, social e cultural, tais como o caudilhismo e o militarismo, a escravidão e a servidão agrária, e a censura governamental e a repressão eclesiástica. E, no entanto, a partir da chegada de Vicente Gómez ao poder, os positivistas se colocaram a serviço de uma ditadura opressora, cruel e pró-imperialista. Angel Cappelletti questiona ainda o que teria levado homens de cultura ampla e universal, destacados intelectuais da ciência e do pensamento crítico, como Pedro Manuel Arcaya, José Gil Fortoul, Laureano Vallenilla Lanz e César Zumeta, a se colocarem a disposição de um governo temido e odiado dentro da Venezuela e desprezado fora do país (CAPPELLETTI, 1994: 29-30).

O historiador venezuelano Elias Pino Iturrieta, na obra *Positivismo y*

9 A colaboração de Zumeta com o governo de Vicente Gómez parece ter levado a um descrédito ou mesmo indiferença, em relação a este autor na Venezuela. A Biblioteca Ayacucho, grande projeto que surgiu em 1974, que tem como objetivo editar obras clássicas da produção intelectual do continente, não editou nenhuma obra de Zumeta.

gomecismo (1978), considera que os prestigiados escritores supracitados colaboraram com o governo de Gómez porque puderam aproveitar-se da ditadura de modo a lucrar com ela, ascendendo política e economicamente. Para Pino Iturrieta, o positivismo não teria sido senão o meio pelo qual esses intelectuais se valeram para chegar à carreira política e obter vantagens econômicas, visto que, analisando as correspondências epistolares de Arcaya, Fortoul, Vallenilla Lanz e Zumeta, esse historiador observa não apenas a “adulação” e “submissão”, disfarçada de amizade em relação ao ditador, mas também a espionagem que teriam exercido, a partir das suas funções diplomáticas, em relação aos inimigos do regime que se encontravam exilados.

De toda forma, é preciso destacar que César Zumeta foi reconhecido por importantes intelectuais seus coetâneos, como José Martí, José Enrique Rodó, Rufino Blanco Fombona, Francisco García Calderón entre outros, que comentaram a sua produção e escreveram notas elogiosas a seu respeito, e sua produção influenciou, na época, muitos estudos sobre o continente. Ele escrevia sobre temas variados como política, economia, sociologia, cultura e literatura. Algumas questões que perpassaram a América Latina, marcaram a sua produção e são fundamentais para a compreensão de seus discursos, como sua proposta de unidade latino-americana, os debates raciais, e a situação da Venezuela, sobretudo, as humilhações sofridas por ocasião do Bloqueio e a perda territorial da Guaiana Esequiba, para a Inglaterra.

40

A projetada unidade latino-americana

Após a Guerra de Secessão, os Estados Unidos deram início a um processo de desenvolvimento que despertaria a admiração de muitos intelectuais e políticos latino-americanos, como os argentinos Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888) e Juan Bautista Alberdi (1810-1884), que impressionados com a organização política e a modernização econômica do colosso do norte, passaram a incentivar uma aproximação e mesmo a adoção daquele modelo de desenvolvimento norte-americano. Houve vozes dissonantes no continente que criticaram tal postura, e, contrariamente, incentivaram uma aproximação entre as repúblicas latino-americanas, que poderiam fazer frente às investidas dos Estados Unidos e, ao mesmo tempo, promoverem o progresso nessas regiões.

A proposta de unidade entre as repúblicas latino-americanas estava relacionada aos temores de que os Estados Unidos viessem a intervir diretamente no continente. Essa ideia não era nova, em outros tem-

pos já se havia pensado na união das repúblicas hispano-americanas, frente às agressões europeias. Na virada do século XX, para muitos intelectuais, isso era uma questão de sobrevivência diante do poderoso vizinho norte-americano.

Nas primeiras décadas do século XIX, Simon Bolívar (1783-1830), após os processos de independência na América Espanhola, procurou meios para uma confederação das *republicas hermanas*. Nessa direção, defendeu um projeto unificador para a América, pois acreditava que apenas isso seria capaz de garantir e manter a paz no continente através do fim das guerras de independência e do reconhecimento pela Europa e pelos Estados Unidos das novas repúblicas.

Entre junho e julho de 1826 ocorreu o Congresso do Panamá, convocado por Bolívar (GRANADOS, 2009). Tal congresso teve como principais objetivos: estabelecer as bases de uma confederação hispano-americana; consolidar pactos de defesa mútua e apoio entre as nações ante as agressões externas; impedir invasões estrangeiras e novas tentativas de colonização na América, tendo em vista garantir que estes não interferissem nos assuntos internos das recém surgidas repúblicas (ENRÍQUEZ, 2010: 80-81). O projeto de Bolívar fracassou, a Gran Colombia foi desmembrada e as disputas internas – nas quais os interesses locais sobrepuseram-se aos demais – levaram a um longo período de instabilidade política em boa parte das nações hispano-americanas. Entretanto, isso não significou que os projetos de unidade fossem esquecidos, poucas décadas depois as questões que se apresentaram no contexto latino-americano conduziram a novas conjeturas igualmente favoráveis à aproximação entre os países hispano-americanos.

Em meados do século XIX, o expansionismo norte-americano que levou à intervenção no México e à consequente perda de grande parte do seu território – após a guerra em 1848, e a interferência de William Walker, com o aval do governo norte-americano na Nicarágua – outra vez trouxe à tona a proposta de união latino-americana. Isso pode ser observado no trabalho do chileno Francisco Bilbao (1823-1865), que em 1856 apresentou uma conferência em Paris intitulada *Iniciativa de la América, Idea de un Congreso Federal de las Repúblicas*, na qual defendia a confederação dos povos latino-americanos. O escritor colombiano Justo Arosemena (1817-1896), nesse mesmo ano, na obra *Contra la expansión expansionista de los Estados Unidos*, afirmou:

Hace más de veinte años que el águila del norte dirige su vuelo hacia las regiones ecuatoriales. No contenta ya con haber pasado sobre una gran parte del territorio mexicano, lanza su atre-

vida mirada mucho más acá. Cuba y Nicaragua son, al parecer, sus presas del momento para facilitar la usurpación de las comarcas intermedias, y consumir sus vastos planes de conquista un día no muy remoto (AROSEMENA, *apud*, GUADARRAMA, 2013: 109).

Em 1857, o mexicano Juan Nepomuceno Pereda (1802–1888) aludia à necessidade de um congresso de plenipotenciários dos “Estados Hispanoamericanos”. Falava do perigo que corria a existência política e territorial dessas nações, devido à possibilidade de absorção pela raça anglo-saxônica (GRANADOS, 2009: 56–57).

Juan Manuel Carrasco Albano (1834–1873) também defendia a união e confederação hispano-americana. Todavia, diferentemente de Pereda, este propunha mais que um chamado ao sentimento de raça, e sim soluções como as que se referem à vida social, política e internacional, a unidade de legislação, a abolição de aduanas, o impulso aos caminhos e estradas de ferro, a colonização e imigração, a instrução pública e outros aspectos que promovessem o progresso destes países (GRANADOS, 2009: 58).

O publicista e diplomata colombiano José María Torres Caicedo (1830–1889), publicou em Paris, a obra *Unión Latinoamericana*¹⁰ (1865), na qual procurou “proteger” as jovens repúblicas americanas do desconhecimento e preconceitos de que eram vítimas na Europa. Também propôs uma vasta união americana, inspirada no pensamento bolivariano, para o fortalecimento das ex-colônias espanholas. Esse escritor trazia propostas concretas, defendendo uma união moral cujos fundamentos seriam a aproximação das legislações internas, tanto civil quanto criminal, acordos tarifários, regime postal e telegráfico, a garantia da propriedade intelectual, a manutenção da paz entre os países vizinhos, americanos e extracontinentais (CARILLA, 1989: 340).

Torres Caicedo denunciou muitas vezes o filibusterismo dos Estados Unidos na América Central. Se referindo ao Panamá, afirmou que sua independência estava ameaçada e que a raça espanhola estaria em vésperas de ser absorvida na América pelos anglo-saxões (GRANADOS, 2009: 59).

10 O título completo da obra é: *Unión Latinoamericana; pensamiento de Bolívar para formar una liga americana; su origen y sus desarrollos y estudio sobre la gran cuestión que tanto interesa a los estados débiles, a saber: ¿un Gobierno es responsable por los daños y perjuicios ocasionados a los extranjeros por las facciones?*

Em fins do XIX e início do XX, os Estados Unidos, com a política pan-americana, despertaram o receio de parte da intelectualidade do continente e novamente foi proposto um projeto de unidade. O perigo efetivo de perda da soberania, conforme apontou José Martí, ou de deslatinização da América devido à influência moral norte-americana, destacada pelo uruguaio José Enrique Rodó, contribuiu para que as proposições acerca da unidade latino-americana ganhassem espaço no continente, levando muitos intelectuais a defenderem uma união das repúblicas irmãs, ou pelo menos uma maior aproximação entre elas.

César Zumeta foi um dos intelectuais que a partir disso, chamou a atenção insistentemente para a necessidade dessa união. Em 1904, publicou na revista nova-iorquina *Némesis*, “Morituri”, artigo no qual explicava detalhadamente a necessidade forçosa de uma aproximação entre as nações que compartilhavam do mesmo idioma, de uma continuidade territorial, e que possuíam uma unidade de origem e interesses convergentes.

Para Zumeta a região da América mais propícia ao desenvolvimento caucasiano, “como era de esperar”, vinha produzindo Estados fortes e alcançando um maior grau de cultura que o resto do continente. Esses países deixavam ainda mais evidente a debilidade da Bolívia, cujo prognóstico, trágico, segundo o autor, destinava esse país a desaparecer pela absorção. A aliança do ABC sul-americano, constituída por Argentina, Brasil e Chile, não se dava com o fim de protegerem-se das ameaças norte-americanas e europeias, mas sim, para um projeto de hegemonia no continente abaixo da linha do Equador, de modo que os países andinos, Peru e Bolívia, perigavam desaparecer como nações independentes (ZUMETA, 1961: 277).

O escritor venezuelano, em muitos artigos, ressaltava os perigos que poderiam sobrevir para a América Latina, caso ela permanecesse uma agrupação de entidades autônomas e independentes, pois não seriam capazes de resistir à grande unidade anglo-saxônica. Os chefes de estados dessas repúblicas, que não viam interesses comuns suficientes para justificar uma ação conjunta em relação à política continental, continuavam em uma passividade perigosa. Não obstante estivessem comovidos pelos acontecimentos da guerra hispano-americana. Segundo Zumeta, a fórmula “*Chacun pour soi et Die pour tous*”, não resultava salvadora, mas sim, a convicção de que quando o interesse de uma das nações é ferido, é todo o grupo de povos ibero-americanos que está sendo atingido (ZUMETA, 1961: 224).

A simples observação dos acontecimentos recentes deixavam claros os perigos dessa política descuidada. Os Estados Unidos já de posse de vários territórios hispano-americanos, seguiam promovendo outras manobras para alcançar seus intentos. Nesse período, a revista *América*, foi um importante instrumento de denúncia da ingerência norte-americana e europeia em assuntos latino-americanos e divulgação de temas americanos. Essa revista defendeu, em diversos momentos, a necessidade de uma ação política, social e comercial, no sentido de estabelecer relações entre os países do continente e com a Europa latina.

Zumeta chegou a defender, em algumas notas editoriais, publicadas na revista *América*, em 1900, uma aproximação com a Alemanha, juntamente com o grupo latino europeu, com o objetivo de criar uma corrente de comércio, imigração e capital, que permitisse resistir à hegemonia norte-americana. Entretanto, após o episódio do bloqueio da costa venezuelana, Zumeta, no artigo intitulado “Tributo al Kaiser”, publicado em Nova York, em 1903, propôs um amplo boicote comercial à Alemanha, uma vez que, para ele, seria uma desonra para os venezuelanos, se, após as humilhações sofridas, ainda mantivessem relações comerciais com esse país.

Empenhado no corte das relações com a Alemanha, o intelectual venezuelano sugeriu que fosse negada a entrada e saída de quaisquer cargas para navios alemães em portos venezuelanos; também não deveria haver mais clientes para mercados alemães; por fim, recomendava inclusive que, os diários da Venezuela publicassem a lista dos comerciantes que continuassem importando mercadorias da Alemanha, em barcos alemães, para que todos tomassem conhecimento de quem eram e, assim, fechassem suas portas para eles (ZUMETA, 1963: 138).

44

Debates raciais e a fraternidade latina

O debate entre os defensores da raça latina e os da raça anglo-saxônica, na virada do século XIX para o XX, influenciou sobremaneira a produção intelectual da época. As derrotas procedentes dos desastres militares da França, frente à Prússia (1870), da Itália, na Etiópia (1896), de Portugal, para a Inglaterra (1890), e a crise em que a Espanha mergulhou após 1898, com a derrota para os Estados Unidos na guerra hispano-americana, intensificaram as conjecturas acerca da superioridade dos povos anglo-saxões.

Já há muito se vinha refletindo acerca da diferenciação entre a raça lati-

na e a raça anglo-saxônica. Michel Chevalier¹¹, em 1836, publicou seu livro de crônicas, no qual constava uma introdução que se configurou, conforme sublinhou Arturo Ardao (1986, p. 160), em um “verdadeiro ensaio de filosofia da história”. Com essa obra as velhas noções étnico-culturais removidas pelo historicismo romântico, receberam uma integração orgânica dentro de conceitos que desde então circulariam com abundância nos planos filosóficos, científicos, ideológicos e políticos.

Na introdução, Chevalier destacou que os dois elementos, o latino e o germano, foram reproduzidos no continente americano, de modo que a América do Sul se assemelharia à Europa Meridional, de origem latina e voltada para o catolicismo. Já a América do Norte pertenceria a uma população anglo-saxônica e protestante (ARDAO, 1986: 160-161). O economista francês, ao distinguir as duas Américas, referia-se ao que chamou de competição entre duas “raças” antagônicas que tiveram suas origens na civilização ocidental (QUIJADA, 1998: 599).

Nesse contexto de debates raciais, alguns acreditavam que seria na América que a luta de raças finalmente se decidiria. Os mais otimistas aventavam a possibilidade de que a força do ramo latino se restabeleceria, de modo que essa raça voltaria a exercer uma influência na civilização. Força que a França vinha perdendo desde as derrotas napoleônicas e se agravou, em 1871, com a vitória da Prússia. A decadência latina também parecia demonstrada nas imensas perdas territoriais que a América Latina vinha sofrendo ao longo do século XIX, para os anglo-saxões, como parte do Canadá, Mississipi, Flórida, Oregón, Texas, Califórnia, Porto Rico, além de outras ilhas e a via interoceânica, o canal do Panamá. O vasto império que pertencera à Espanha e à França passava a ser ianque ou britânico e, segundo Zumeta, se nada fosse feito para conservar o que restava, logo, toda a faixa intertropical seria norte-americana ou germânica (ZUMETA, 1963: 228).

Parte disso, na concepção do escritor venezuelano, resultava da indiferença com que a Europa latina olhava para a América. E, caso isso não se modificasse, o mundo latino perderia, cada vez mais, a sua autoridade moral e o seu território. Assim, Zumeta atribuía à Europa latina,

11 Michel Chevalier (1806-1879) foi conselheiro e ministro de finanças de Napoleão III (1852-1870). A França em reação ao início da hegemonia estadunidense no território americano, temendo a formação de um império, além de seus interesses econômicos (a execução de um canal transatlântico) sai em defesa da latinidade. A França reclama para si a responsabilidade pelo destino do grupo latino (FUNES, 1998: 599).

parcela de responsabilidade na difícil situação do continente. Uma vez que havia permitido a perda das Antilhas espanholas, admitido que o Panamá se tornasse norte-americano e esquecido de que cabia a ela – Europa latina – decidir se colaborava, por todos os meios pacíficos, para fortalecer a América Espanhola, a fim de que essa resistisse à influência e a invasão anglo-saxônica. Ou, ao contrário, se apenas observaria a rápida desintegração do mundo latino-americano.

Se optasse pelo primeiro caso, haveria o restabelecimento do equilíbrio de duas grandes raças e se abririam horizontes comerciais com a América Latina, que naquele momento, buscavam na Ásia e na África. No Novo Mundo isso poderia ser realizado sem maiores problemas, tendo em vista que este continente oferecia “vasto e rico território”, “raças afins”, “superior cultura” e apenas “um” problema: povoamento (ZUMETA, 1963: 230).

Para Zumeta a aliança entre Argentina, Brasil e Chile poderia esboçar um império hispano-americano comparável ao anglo-saxônico. Contudo, a anarquia predominava na parte tropical do continente. O autor percebia com desespero tal situação e alertava para que caso não houvesse uma transformação, o idioma espanhol, em poucas décadas, não seria mais falado nesse território, irremediavelmente perdido para o mundo latino. Ele indicava como alternativa o fortalecimento por meio da imigração e do capital latinos.

46

A defesa da unidade da América Latina e a denúncia do imperialismo norte-americano e europeu foram temas constantes nos discursos de Zumeta, sobretudo entre 1899 a 1908. No texto intitulado “Panamá y América”, publicado no periódico *The Puerto Rico Herald*¹². Zumeta (1961: 48) ao chamar a atenção sobre a ingerência dos Estados Unidos no continente, afirmava que os acontecimentos recentes envolvendo o Panamá, não surpreenderia “pessoa alguma dotada de razão”. Zumeta se referia a criação do Panamá sobre o território ístmico colombiano. Nessa estreita faixa de terra existia uma estrada de ferro pertencente aos Estados Unidos, desde meados do século XIX, cuja importância havia diminuído consideravelmente quando fora concluído o sistema ferroviário metropolitano nesse país, que ligava a costa leste à costa oeste. Posteriormente, o francês Ferdinand de Lesseps (1805-1894), responsável pelo projeto de construção do Canal de Suez (1869), planejou

12 Embora esse texto apareça sem data, é muito provável que tenha sido publicado entre o ano 1904 e 1905 visto que o autor afirma que há cinco anos já havia chamado a atenção para os perigos que envolviam a América Ibérica.

construir, com autorização colombiana, um canal interoceânico paralelo à ferrovia. Entre os anos de 1878 e 1889, empreenderam-se obras que resultaram mais dispendiosas do que o esperado, em decorrência das diferenças do tipo de terreno, de relevo e de clima. Com chuvas torrenciais, enchentes, e elevadas taxas de mortalidade dos trabalhadores, causadas pelas doenças tropicais endêmicas na região, principalmente a malária e a febre amarela, ocorreram atrasos, não previstos no projeto original. Em 1889, a companhia foi à falência, envolvida também em um escândalo político-financeiro na França. Com o intuito de recuperar algo da enorme inversão que haviam feito, os credores de Ferdinand Lesseps, com o que restou das máquinas, juntamente com a concessão colombiana, construíram uma Nova Companhia do Canal do Panamá (DONGHI, 2012: 290).

Após a guerra hispano-americana (1898), os Estados Unidos se mostraram interessados em comprar o maquinário da Companhia. Em janeiro de 1903, a Colômbia havia ratificado, pelo Tratado de Hay-Herran, o acordo com a Nueva Companhia, arrendando aos Estados Unidos uma faixa territorial para a construção do canal. Entretanto, o congresso colombiano não autorizou a negociação, acusando o tratado de haver sido pouco supervisionado em termos governamentais e legislativo. Em 3 de novembro desse ano, ocorreu um levante, dirigido por agentes da Nova Companhia que proclamaram a República Independente do Panamá, imediatamente os Estados Unidos reconheceram a independência e logo depois assinava o Tratado de Hay-Bunau-Varrilla, que basicamente ratificava o acordo refutado pelo congresso colombiano. Tal acordo estabelecia a concessão perpétua dessa região do canal aos Estados Unidos¹³, em troca, o Panamá receberia um subsídio anual e a garantia de sua independência frente a uma possível investida colombiana (DONGHI, 2012: 290-291).

Um pouco antes de concretar-se a criação do Panamá, Zumeta chamou a atenção para as manobras da imprensa norte-americana que, a seu ver, apenas dava informações fragmentadas e estimulava rivalidades, por meio de intrigas, entre as nações “irmãs”¹⁴. Ele também compreendeu o Brasil afirmando que, caso essa nação, reconheça a “farsa” da “República Ianque”, no Panamá, estaria reconhecendo de antemão,

13 Esse Tratado foi revisto em 1977 e o Panamá passou a controlar o canal no final de 1999.

14 Zumeta publicou Panamá y América no The Puerto Rico Herald, aparece sem data, mas pelos discursos podemos supor que antecedeu a criação do Panamá.

a “República Prussiana”, no Rio Grande do Sul. E que se o povo colombiano vier a recorrer às armas, o dever da América é unir-se solidariamente a eles (ZUMETA, 1963: 52).

A América Latina portanto corria o risco de se converter em uma África, tendo seu território quase completamente repartido. Zumeta criticava a atitude da América ante a invasão iminente que envolvia o Istmo, caracterizando-a como uma renúncia covarde ao direito e ao dever de solidariedade geográfica, histórica e racial. Para ele, a única possibilidade de impedir que a “lei universal” se impusesse “sobre os débeis”, seria agir a partir de um plano de defesa continental.

Até esse momento a única providência tomada constituía-se no indolente fanatismo ibero-americano e na ingênua crença na doutrina de Monroe, doutrina que significava apenas a não intervenção dos Estados Unidos nos assuntos europeus, assim como da Europa nos assuntos americanos. Lembrando-se das proposições que circulavam na época e afirmavam a decadência da raça latina, Zumeta se utilizava desses argumentos, para chamar os povos latinos para a ação. Inicia seu discurso como se a primeira vista fosse concordar com essas declarações, afirmando que:

Si en verdad la decadencia de los pueblos y su muerte provienen de una incurable diátesis social; si la disminución de influencia, de poder y de territorio que desde fines del siglo XVIII sufre la raza denominada latina es resultado, no de fortuitos fracasos, sino de inferioridad real, sin posible reconstitución de las energías imperiales de esa madre de la civilización, si Waterloo y Sedán no fueron episodios infelices, sino demostración de supremacía definitiva de las razas del norte sobre las del Mediodía; si no heredamos de la hidalga España sino sangre floja ya y desvirtuada, y la contaminación que de esa sangre hemos hecho con la de razas inferiores no condena a la cobardía y al oprobio: entonces ni intentaremos un acuerdo salvador entre los pueblos amenazados de América, ni si lo hiciéremos encontraríamos apoyo en Madrid, Roma ni Paris (ZUMETA, 1961: 50).

Utilizando metáforas médicas e biológicas, Zumeta prossegue com seu argumento de que se não é mortal a anemia que está destruindo esses povos, então aquele era o momento de um grande esforço. Era fundamental que estes povos assumissem como sendo de todas as nações que compartilhavam a mesma tradição e cultura a agressão a um único país. Portanto, não apenas a Colômbia perdia com o Istmo, mas a América espanhola, a França e a Europa latina. Sendo assim, não só a nação despossuída que sofria quando a América *nuestra* perdia um pedaço de

território, mas a língua, a tradição, os ideais e o lugar comum dessas nações é que perdiam.

José Martí alguns anos antes, em um contexto de luta pela independência do domínio espanhol e desconfiança da ingerência norte-americana no continente, falou em nome da *Nuestra América*, não se restringindo apenas a Cuba. Zumeta também discursou em nome do continente, mas estendeu suas proposições para o outro lado do Atlântico, percebendo na França, na Espanha e na Itália, importantes aliadas na resistência latina, frente às ameaças anglo-saxônicas.

É importante perceber que as preocupações de Zumeta, embora estivessem eminentemente ligadas à perda efetiva de território, soberania e independência das repúblicas latino-americanas, também, se relacionava à perda da tradição cultural ibérica. Isso pode estar ligado à influência da obra *Ariel* (1900) do uruguaio José Enrique Rodó, que após a sua publicação conquistou um importante lugar entre a intelectualidade e transcendeu a própria obra, tornando-se uma fonte de inspiração para vários intelectuais do período. O escritor venezuelano considerava vital para as nações, de ambos os lados do oceano, uma colaboração no sentido de que os latino-americanos pudessem oferecer-lhes um mundo, e, em troca, as nações latinas europeias cederiam o excedente de seus braços e capitais. O fortalecimento mútuo se daria, conseqüentemente, através da junção dos interesses. A Europa latina ainda poderia ajudar as repúblicas a sair da anarquia por meio do trabalho e da ocupação dos espaços desabitados.

Dessa maneira, a proposta de Zumeta, em consonância com as propostas do período, apontava como solução para os problemas latino-americanos a vinda de imigrantes europeus (latinos), que pudessem contribuir com seu trabalho e costumes civilizados. Assim, os povos desse continente se salvariam a partir de um grande plano de exploração e colonização de seu território e das relações de amizade e comércio com as raças progenitoras.

O Congresso Social e Econômico Hispano-americano¹⁵ ocorreu em novembro de 1900, em Madri e se constituiu em um importante instrumento no processo de retomada das relações entre os países lati-

15 Apesar de o Congresso ter partido de um Decreto Real firmado por Francisco Silvela (1843-1905), na Gazeta de Madri, em abril, de 1900. Ele também foi favorecido pela Exposição Internacional de Paris que trouxe à Europa grande número de representantes americanos da cultura, sociedade e economia. (MONTÓN G-BAQUERO, 1999: 285).

no-americanos e a Espanha, que estavam abaladas desde as lutas pela independência na primeira metade do século XIX (CALLE VELASCO, 2004: 155-156). O congresso visava o estabelecimento de contatos entre ambos os lados do Atlântico em variados níveis: político, econômico e cultural.

Meses antes, em abril desse mesmo ano, por ocasião da convocatória do congresso, um programa foi delineado para ser discutido em novembro. Este tratava sobre as relações econômicas e sociais entre Espanha, Portugal e América Latina. Em linhas gerais os pontos a serem discutidos eram: estudo e criação de Tribunais Arbitrais que resolvessem problemas interestatais; harmonização do Direito público e privado na Espanha, em Portugal e na América Latina; problemas de imigração; formas para facilitar o conhecimento e desenvolvimento das obras e descobrimentos científicos entre as nações do âmbito ibero-americano; a unidade da língua castelhana e os direitos do autor; unificação dos planos de ensino; desenvolvimento das relações econômicas entre os povos ibero-americanos; unificação de tarifas postais e telegráficas, regulação de fretes e dos meios internacionais de transportes; a criação tanto na Espanha como na América, de exposições permanentes internacionais de obras científicas, literárias, artísticas e apresentação de produtos e manufaturas ibero-americanas; a criação na Espanha de Bancos gerais ibero-americanos com sucursais e legações na América Latina e Portugal; facilitar o intercâmbio da imprensa (CALLE VELASCO, 2004: 186-187).

Na revista *America*, Zumeta discorreu sobre o congresso em nota editorial. Nesse texto, o escritor venezuelano, não escondia seu entusiasmo com a iniciativa. Ele conclamava Madri, que derrotada, referindo-se à guerra de 1898, finalmente voltava a ser a metrópole da América americanizada. Para o escritor venezuelano, que participou do congresso como delegado, a união com as nações latinas da Europa deveria ocorrer por todas as formas possíveis, pois o resultado garantiria a resistência às investidas anglo-saxônicas, que, sob o pretexto de defendê-la contra a cobiça europeia, buscavam se apropriar do continente. O autor considerava que a resistência era uma questão de sobrevivências da raça, e, nesse sentido, a união ibero-americana deveria ser o fundamento da cooperação latina (ZUMETA, 1961: 213).

Assim Zumeta conferia aos problemas pelos quais as nações latinas vinham passando, tanto as europeias, quanto as americanas, à desunião entre elas. A seu ver, o progresso experimentado pelos países saxônicos era favorecido pela unidade que eles apresentavam. O Congresso His-

pano-americano abriria espaço hispânico ao pensamento e ao esforço de *nuestra América*. Para Zumeta, o que um dia foi a origem, voltava, naquele momento a ocupar um lugar fundamental. Concluía a nota saudando o congresso, defendendo ser o início de uma fraternidade fecundíssima e colocava a revista *América*, à disposição da União Ibero-americana, para contribuir na defesa desses ideais.

Considerações finais

César Zumeta ganhou notoriedade em vida, cuja obra influenciou muitos estudos acerca do continente ao longo da primeira metade do século XX. Esse autor reconhecia os problemas da América Latina e, em determinados momentos, apresentou uma concepção pessimista em relação ao seu porvir, no entanto, ele propôs soluções concretas para a situação do continente e, diferentemente de muitos intelectuais do período, valorizou a tradição cultural ibero/latina.

O escritor venezuelano, em seus discursos, falava em uma perspectiva continental, não se restringindo apenas aos problemas de seu país. Em sua produção intelectual, denunciou o imperialismo norte-americano e europeu¹⁶, e defendeu a união entre os países de origem latina, que compartilhavam a mesma língua, tradição e cultura. Em conformidade com os discursos raciais da época, Zumeta defendia a vinda de imigrantes europeus para a América Latina. Ele considerava que esses imigrantes trariam seus costumes civilizados e preencheriam as vastas regiões despovoadas, contribuindo para o progresso continental.

Determinados acontecimentos na época marcaram os seus escritos, como o imperialismo praticado pelas potências europeia e norte-americana, visto por Zumeta como um perigo efetivo, tanto em termos geográficos quanto políticos e econômicos para a América Latina. Acrescentavam-se a isso os problemas internos das repúblicas hispano-americanas, dificultando ainda mais a situação do “continente enfermo”, cujos países ainda não haviam deixado o estado “semibárbaro” das ditaduras militares e o ímpeto de recorrer às armas em qualquer situação, gerando fatalmente a anarquia. Daí o escritor venezuelano defender, influenciado pelo positivismo do período, a urgência em se constituir governos capazes de garantir a paz e partidos capazes de vigiar para que a lei fosse respeitada. Essa ideia de que o governo deveria

16 A respeito do anti-imperialismo nos escritos de César Zumeta ver: GOUVEIA, Regiane. “América Latina em perigo: imperialismo e pan-americanismo nos escritos de César Zumeta”. In: Revista Eletrônica da ANPHLAC, n.º. 17, p. 254-281, jul./dez. 2014.

manter a estabilidade e garantir a paz talvez explique, de certa forma, o apoio que esse intelectual deu ao longo governo de Vicente Gómez, que durou 27 anos. Zumeta ao reconhecer naquele chefe de governo uma garantia de paz, após muitos conflitos civis que perpassaram a Venezuela, acabou identificando nessa ditadura, uma forma de impedir a anarquia.

A partir de 1909, os discursos inflamados de Zumeta começam a arrefecer, aparecendo apenas onde não ameaçava a ditadura gomencista. Com o passar do tempo seu estilo de escrita foi se tornando menos enérgico e contundente, mais dedicado a exaltar a paz e a ordem que o regime de Vicente Gómez teria estabelecido. Isso não necessariamente contradiz suas ideias anteriores, já que a defesa de uma ordem que colocasse fim à instabilidade política de seu país esteve presente em seus escritos desde os anos de 1880. Contudo, cabe ressaltar que os discursos de Zumeta contra os Estados Unidos desaparecem, na década de 1920, dando lugar a pomposos elogios à esse país, atitude que estava em consonância com as boas relações que o regime de Vicente Gómez estabeleceu com a potência norte-americana.

Essa mudança drástica de Zumeta pode estar relacionada com a frustração desse autor frente à situação de seu país no início do século XX, os anos em que a Venezuela se viu envolvida em disputas caudilhistas fez com que Zumeta se convencesse da incapacidade dos venezuelanos de se autogovernarem e, principalmente, de conseguir alcançar o progresso dos países considerados civilizados. A ditadura se justificava, portanto, porque assegurava a paz e o trabalho, e a partir disso poderia gerar as condições para tirar a Venezuela do atraso, da ignorância e do analfabetismo (CAPPELLETTI, 1994: 315). Talvez, mais do que o interesse em se beneficiar economicamente e politicamente, conforme chamou a atenção Pino Iturrieta, Zumeta ao apoiar a ditadura de Vicente Gómez, contrariando muitas das suas ideias anteriores, ainda que não todas, estava era convencido de que o povo venezuelano não possuía condições de viver em liberdade e administrar suas próprias riquezas. O preço que ele teve que pagar por isso foi a indiferença e o desprezo, Zumeta ainda viveu muitos anos depois da morte de Vicente Gómez, em 1935, e segundo Angel Cappelletti, ele acabou morrendo esquecido em Paris, em 1955.

52

Fecha de recepción: julio 2016
Fecha de aceptación sin modificaciones: septiembre 2016

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCANTARA, Tomas Polanco. Guzmán Blanco. Caracas: Ediciones GE, 2002.

ARDAO, Arturo. “Panamericanismo y Latinoamericanismo”. In: ZEA, Leopoldo (org.). América Latina en sus ideas. México: Siglo XXI/UNESCO, 1986.

BAGGIO, Kátia Gerab. “A ‘Outra América’: A América Latina na Visão dos intelectuais Brasileiros das Primeiras Décadas Republicanas”. Tese (Doutorado em História Social) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

CALLE VELASCO, María Dolores de la. “Hispanoamericanismo. De la fraternidad cultural a la defensa de la Hispanidad”. IN: VEGA, Mariano de; MARTÍN, Francisco; MORALES MOYA, Antonio. Jirones de Hispanidad: España, Cuba, Puerto Rico y Filipinas en la perspectiva de dos cambios de siglo. España: Ediciones Universidad de Salamanca, 2004.

53 CAPPELLETTI, Ángel J. Positivismo y evolucionismo en Venezuela. Caracas: Monte Avila Latinoamericana, 1994.

CARILLA, Emilio. “José María Torres Caicedo ‘Descubridor’ de la Literatura Argentina”. In: Thesaurus. Tomo XLIV n°2, 1989.

ENRÍQUEZ, Lucrecia. “Da Monarquia à República: o Chile na América (primeira metade do século XIX)”. In: PAMPLONA, Marco Antonio E STUVEN, Ana Maria (orgs.). Estado e Nação no Brasil e no Chile ao longo do Século XIX. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

DONGHI, Tulio Halperin. Historia contemporânea de América Latina. 9ª ed. Madrid: Alianza Editorial, 2012, p. 290.

FUNES, Patrícia. “Del Mundus Novus al Novomundismo: algunas reflexiones sobre el nombre de América Latina”. IN: América Latina Contemporânea: Desafios e Perspectivas. NOVINSKY, Anita; BLAJ, Ilana; MEIHY, José Carlos Sebe Bom e IOKOI, Zilda M. Gricoli (orgs.). São Paulo: Edusp, 1996.

GOUVEIA, Regiane. “América Latina em perigo: imperialismo e pan-americanismo nos escritos de César Zumeta”. In: Revista Eletrô-

nica da ANPHLAC, n.º. 17, p. 254-281, jul./dez. 2014.

GRANADOS, Aimer. “Congresos e intelectuales en los inicios de un proyecto y de una conciencia continental latinoamericana (1826-18690)”. In: GRANADOS, Aimer & MARICHAL, Carlos. Construcción de las identidades latinoamericanas: ensayos de historia intelectual siglos XIX y XX. México D.F.: El Colegio de México, 2009.

GUADARRAMA, Pablo. “El pensamiento integracionista y latinoamericano de José Martí”. In: SANTANA, Adalberto (coord.). José Martí y Nuestra América. México: Centro de Investigaciones sobre América Latina y el Caribe, 2013, p. 83-122.

MILIANI, Domingo. Vida intelectual de Venezuela. Caracas: Ministerio de educación, 1971.

MONTÓN G-BAQUERO, Isabel García. “El Congreso Social y Económico Hispano-americano de 1900: un instrumento de hispanoamericanismo modernizador”. Revista Complutense de Historia de América, 1999, 25: p. 281-294.

PINO ITURRIETA, Elias. Positivismo y gomecismo. Caracas: Instituto de Estudios Hispanoamericanos, 1978.

PRADO, Maria Ligia Coelho. América Latina no século XIX: tramas telas e textos. 2ª ed – São Paulo: Edusp, 2004.

QUIJADA, Mónica. “Sobre el origen y difusión del nombre ‘América Latina’ (o una variación heterodoxa en torno al tema de la construcción social de la verdad)”. In: Revista de Indias, vol. LVIII. Num. 214, 1998, p. 595-615.

ZUMETA, César. El continente enfermo. Caracas: Colección “Rescate”, 1961.

_____. Las potencias y la intervención en Hispanoamérica. Caracas: Colección Venezuela Peregrina, 1963.

Site

Biblioteca Nacional da Venezuela. <http://www.bnv.gob.ve/?q=no-de/447>.